

# **A CONSTRUÇÃO DOS PAPÉIS SOCIAIS E COMPORTAMENTOS SOBRE O ENFOQUE DA CULTURA**

Renata Alves da Silva, aluna do Programa de Pós-graduação Mestrado em História Social das Relações Políticas. Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, Vitória, Brasil.

Este trabalho visa analisar as denúncias de mulheres vítimas de reincidência da violência de gênero na cidade de Vitória – capital do Espírito Santo. À vista disso, é preciso buscar as motivações que geram a reincidência da violência física conjugal que se faz presente no cotidiano das mulheres. Nesse sentido, (BURKE, 2010, p. 108) propõe uma análise sobre a construção de classe e de gênero quando discute a história cultural no sentido da categorização dos conceitos, com o intuito de verificar até que ponto essa representatividade está relacionada com padrões de identidade de gênero, definidos no âmbito da dominação masculina e da construção dos valores socioeconômicos e culturais. Os estudos sobre a reincidência de violência física contra a mulher no Brasil ainda são escassos, o que reforça a necessidade desse estudo como instrumento de qualificação e quantificação a partir do método de estudos de casos, tendo como fonte os Boletins de Ocorrência registrados nas Delegacias Especializadas em Atendimento à Mulher (DEAM – Vitória ES).

Palavras-chave: Cultura; Violência; Gênero; Mulher.

**Abstract:** This study aims to analyze the denunciations of women victims of recidivism of gender violence in the city of Vitória - capital of Espírito Santo. In view of this, it is necessary to look for the motivations that generate the recurrence of physical conjugal violence that is present in women's daily lives. In this sense, (BURKE, 2010, p.108) proposes an analysis of class and gender construction when he discusses cultural history in the sense of categorizing concepts, in order to verify to what extent this representativity is related to patterns of gender identity, defined in the context of male domination and the construction of socioeconomic and cultural values. Studies on the recidivism of physical violence against women in Brazil are still scarce, which reinforces the need for this study as a qualification and quantification tool based on the case study method, based on the Occurrence Bulletins registered in the Specialized Police Stations in Care for Women (DEAM - Vitória ES).

**Keywords:** Culture, Violence, Gender, Woman.

No Brasil, a violência está intrínseca à formação da sociedade que se constituiu a partir de um processo de dominação e de opressão dos povos que aqui viviam. Segundo (DAMATTA, 1982, p. 26), essa relação colaborou para a constituição de uma sociedade heterogênea e hierarquizada, produzindo dominadores individualizados e em grupos, “assim, se quero, tomo; se desejo estupro; se não possuo, roubo; se odeio assassino; se sou contrariado, espanco” (DAMATTA, 1982, p.26). A violência que se constituiu passa por um processo de naturalização atrelada aos fenômenos da cultura dominante sobre os dominados. Conforme as análises de (FREYRE, 2004, p.65), “formou-se na América tropical uma sociedade agrária na estrutura, escravocrata na técnica de exploração econômica, híbrida de índio e mais tarde de negro na composição” (FREYRE, 2004, p. 65).

Nessa perspectiva, o intuito do estudo apresentado será abordar como os modos de viver e de ver o mundo são permeados por influências culturais. Assim, não se pretende aqui a realização à exaustão dos paradigmas referentes às construções e desconstruções do feminino e do masculino, mas pretende-se pontuar algumas questões fundamentais para o debate e o quanto os valores constituídos sob os parâmetros de subjugação da mulher na formação da sociedade brasileira, ainda refletem em pleno século XXI.

Para desenvolver uma análise entre construções dos papéis sociais com enfoque na cultura é necessário buscar os conceitos já existentes sobre o tema relacionando-os ao objeto de estudo descrito nas fontes. Essa interação é necessária para que se possa entender até que ponto os símbolos e seus significados condicionam os sujeitos em suas relações e, por sua vez, definem suas representações sociais a partir das práticas culturais. Outro aspecto que é preciso levar em consideração enquanto elemento cultural, são os conceitos que evidenciam o sentido dos símbolos por analogias. Dessa forma, é válido averiguar se o padrão de significados emitidos historicamente pela cultura apontam um esquema de concepções herdadas, expressos em formas e símbolos, por meio dos quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida da mulher.

Dentre vários teóricos que elaboram os conceitos sobre as práticas culturais, para (CHARTIER, 2010, p. 35) a totalidade das linguagens e das ações simbólicas próprias de uma comunidade constitui sua cultura, suas posturas sociais e familiares diariamente. Chartier acrescenta que entre vários sentidos do termo cultura, em se tratando de cotidiano é possível apontar “[...] as práticas comuns através das quais uma sociedade ou um indivíduo vivem e refletem sobre sua relação com o mundo, com os outros ou com eles mesmos” (CHARTIER, 2010, p. 35).

Algumas manifestações culturais estão atreladas ao rito de passagem do sexo masculino quando, após cumprirem os rituais, os meninos se transformam em homens, estabelecendo assim, sua virilidade e força. Assim, ao homem é necessário o rito que acaba por empodera-lo e à mulher basta ter sua feminilidade confirmada pelo ciclo menstrual que logo a ligará à maternidade. Conforme (NOLASCO, 1995, p. 54) a valorização do homem “[...] por sua capacidade de ação, praticidade e objetividade, sucesso e iniciativa, modelando-o com as expressões daquele que tem em si atributos do poder viril”, que perpetua-se em si. O autor evidencia que, o homem é o sujeito que recebe em suas relações culturais as definições dos papéis pré-estabelecidos para o homem por definição de seu sexo, ou seja, a questão biológica é o definidor dos ritos que serão ministrados na formação do homem, reforçando sua masculinidade, virilidade, força e identidade.

Acerca dessa questão, no ano de 1993 (BADINTER, 1993, p.95) produz uma obra que além de ser bem contemporânea oferece uma série de análises sobre a identidade masculina a partir dos ritos de passagem em diferentes regiões do mundo. Atrelado aos rituais, a autora traz pontos em comum no sentido da construção da masculinidade, dentre eles, configuram inúmeros momentos de dor causados por ferimentos ligados ao ato ritualístico. Nesse sentido, o que chama a atenção é que diferente do que se possa imaginar, eles se desenvolvem não apenas em locais reservados e secretos, mas juntamente com uma série de atividades desenvolvidas em instituições, dentre elas, a autora cita as instituições educacionais.

A exemplo dessa realidade, os jogos coletivos nos EUA, conforme a autora, torna-se um ambiente propício, onde esse tipo de prática para se afirmar a masculinidade se faz presente. Nesse sentido, a autora retrata um caso no qual é reforçado a

importância da utilização da força física e a resistência psicológica presentes nas ações relacionadas aos jogos. “[...] ‘Dor e ferimento fazem parte do jogo.’ Para tornar-se capitão do time, ele foi ‘fanaticamente agressivo e impiedosamente competitivo’. Um homem enfim! [...]” (BADINTER, 1993, p.95). Acompanhando essa ideologia e prática o menino que aqueceu todo o processo de passagem se torna corajoso e com o poder de dominar os mais fracos, neste caso, essa ideologia entra em sintonia com a cultura de dominação da mulher, por ser representada socialmente como um ser frágil.

Além dos dois pontos anteriormente abordados, a cultura acaba por produzir uma identidade subjetiva que colabora para a construção da desigualdade de gênero, que, a partir de seus símbolos levam as representações das funções para o homem e para a mulher e dessa forma, as interferências culturais podem contribuir para as permanências das relações permeadas de violência no cotidiano das mulheres.

Sobre essa questão, (BURKE, 2010, p. 108) propõe uma análise sobre a construção de classe e de gênero quando discute a história cultural no sentido da categorização dos conceitos. Em seu entendimento, “[...] as categorias sociais, antes tratadas como se fossem firmes e fixas, agora parecem ser flexíveis e fluídas” (BURKE, 2010, p. 108). Dessa forma, o termo classe considerado por marxistas ou não como sendo uma categoria social é identificado cada vez mais como fruto da construção social. Nesse sentido, identifica que os olhares femininos ou sobre as mulheres, eram estereotipados no cotidiano e que, por sua vez, estão diretamente ligados a construção do conceito de gênero.

Em consonância com a proposta de Peter Burke, (PEDRO, 2017, p. 2) ao propor uma reflexão sobre gênero, está se “[...] referindo a uma categoria de análise, da mesma forma como quando falamos de classe, raça/etnia, geração” (PEDRO, 2017, p.2). Ao analisar as razões que levaram o movimento feminista utilizar o termo gênero para discutir a questão dos direitos de igualdade da mulher, percebe-se que a violência sofrida está associada à própria interpretação e significados da nossa língua oficial. Conforme relata a autora, “[...] em português, como na maioria das línguas, todos os seres animados e inanimados têm gênero. Entretanto, somente alguns seres vivos têm sexo [...]” (PEDRO, 2017, p.2).

Seguindo sua análise da língua e da análise das espécies, “[...] nem todas as espécies se reproduzem de forma sexuada; mesmo assim, as palavras que as designam, na nossa língua, lhes atribuem um gênero [...]” (PEDRO, 2017, p.2). Ou seja, o fato de grande parte das palavras na língua oficial do Brasil, o português, ter gênero mas, não ter a definição do sexo, que proporcionou utilizar o termo gênero.

No amplo leque de discussões temáticas, mereceu destaque as questões pertinentes às relações de gênero tendo em vista principalmente a realidade de vida da mulher capixaba marcada pelo elevado índice de violência doméstica, amplamente divulgado pelas ONGs, movimentos sociais diversos, além da mídia local e nacional. Dentre as considerações sobre a violência nas relações de gênero e a reincidência, a que mais se aproxima do objeto de análise é a descrição proposta por (SCOTT, 1989, p. 13-14). A referida autora aponta que o conceito de gênero é elaborado a partir dos símbolos e significados construídos sobre a base da percepção sexual incluídos nas relações sociais entre homens e mulheres. A autora defende que o conhecimento histórico não se articula apenas como um registro das mudanças na sociedade no decorrer do tempo. Não se trata de algo estático, sendo preciso entender a construção dos conceitos no decurso da história como representações. Nesse sentido, chama a atenção para o entendimento de que

[...] História é tanto objeto da atenção analítica quanto um método de análise. Vista em conjunto desses dois ângulos, ela oferece compreensão e uma contribuição ao processo através do qual gênero é produzido (SCOTT, 1989, p. 13-14).

Ao relacionar a violência sofrida por mulheres à violência de gênero, (NADER, 2013, p.4) descreve que “[...] para o entendimento da complexidade da violência contra a mulher é de fundamental importância a percepção das diferenças entre os sexos que demarcam o conceito de gênero [...]”, (NADER, 2013, p. 4) assim, é possível compreender que trata-se de uma forma determinista em meio as relações de poder entre homens e mulheres. Ainda de acordo com a referida pesquisadora, em suas análises, entende-se por gênero “[...] a distinção entre atributos culturais alocados a cada um dos sexos e a dimensão biológica de seres humanos, a violência contra a mulher se refere a qualquer ato de violência” (NADER, 2013, p.4).

Na tentativa de definir os nexos capazes de estruturar os processos de desenvolvimento da pesquisa e das discussões, importante se torna considerar a contribuição de (BOURDIEU, 2002, p. 51) quando explica sobre as estruturas sociais e as atividades produtivas em sua intrínseca relação com a divisão sexual. Para o referido autor, o homem foi privilegiado, assumindo *status* de poder nas relações, traduzindo assim a dominação masculina e, com base nesse poder, o homem passou a reproduzir atos de violência física contra sua esposa, amásia, companheira. Trata-se de ações impregnadas na cultura que presa tradições patriarcais vinculadas a desigualdade de gênero, o machismo e a misoginia.

Para (SAFFIOTI, 1999, p. 83), esse formato cultural tende a manter as estruturas de poder que naturalizam os papéis definidos para os homens e mulheres, subjugam e expõem as mulheres a reincidência da violência em seu cotidiano. Em tratando-se de cultura (BARROS, 2011, p. 46) propõe uma discussão sobre as “[...] noções complementares de ‘práticas’ e ‘representações’ [...]” (BARROS, 2011, p. 46). Nesse sentido o autor utiliza-se de análises realizadas por Roger Chartier e Michel de Certeau para fazer uma relação entre os dois pólos citados trazendo o entendimento que “[...] tanto os objetos culturais seriam produzidos ‘entre práticas e representações’, como os sujeitos produtores e receptores de cultura circulariam entre os dois pólos. [...]” (BARROS, 2011, p. 46). Dessa forma, as práticas culturais que são constituídas e que constituem os sujeitos, serão analisadas a partir dos relatos das vítimas descritos nas fontes, levando em consideração os hábitos e as percepções dos valores socioeconômico e culturais das mulheres vítimas e de seus referidos agressores.

## **DADOS PRELIMINARES DAS FONTES**

As principais fontes analisadas nesse estudo, são os boletins de ocorrência registrados na Delegacia Especializada em Atendimento à Mulher de Vitória (DEAM/Vitória), catalogados no Mapeamento da Violência contra a Mulher, realizado pelo Laboratório de Pesquisas e Estudos de Gênero, Poder e Violência, da Universidade Federal do Espírito Santo (LEG/UFES), cuja soma total são de 12.255 boletins de ocorrência para os anos de 2002 a 2010. Dentro do recorte temporal selecionado para a dissertação que inicia-se em 2004 e vai até o ano de 2010,

trabalhamos com 9.403 BOs, logo, foram realizados filtros para selecionar o perfil que se buscava analisar. Nesse caso, mulheres vítimas da violência física conjugal, natural do Espírito Santo e residente na cidade de Vitória. O mesmo perfil se refere aos agressores.

Outrossim, fato da pesquisa ser realizada especificamente com os casos de moradores da cidade de Vitória capital do Espírito Santo é justificado tendo em vista a observação do Mapa da Violência, 2012 (WAISELFISZ, 2012, p. 8), no qual a cidade de Vitória é uma das capitais brasileiras que apresentam consideráveis índices de violência contra a mulher, com o número acima de 10 homicídios por 100 mil mulheres. No ano de 2000, o estado do Espírito Santo já ocupava a primeira posição nos índices de violência contra a mulher entre os demais estados do Brasil.

Isso posto, os BOs registrados na (DEAM/Vitória) foram analisados de forma quantitativa e qualitativamente por vias do método monográfico, estudo que busca identificar os indivíduos e suas especificidades. Conforme (SANTOS, 2005, p. 96), o método utilizado nas análises científicas está relacionado a natureza do objeto. Segundo o autor, o estudo de caso analisa com profundidade fatos, em busca de um conhecimento com grandeza de detalhes. Nessa perspectiva, (GOLDENBERG, 1997, p. 33), descreve em seu livro *A Arte de Pesquisar*, a importância do método estudo de caso, que segundo a autora, é mais que uma técnica, pois ilumina a possibilidade de “uma análise holística, a mais completa possível, que considera a unidade social estudada como um todo, seja um indivíduo, uma família, uma instituição ou uma comunidade” (GOLDENBERG, 1997, p. 33). Acrescentando informações pertinentes sobre o método selecionado para analisar as fontes, (GIL, 2002, p. 77) descreve que, há um aumento na utilização do método estudo de caso no âmbito das ciências, com diferentes perspectivas, sendo importante destacar a possibilidade de “explorar situações da vida real cujos limites não estão claramente definidos e explicar as variáveis causais de determinado fenômeno em situações muito complexas [...]” (GIL, 2002, p. 77). Acerca da leitura dos relatos utilizaremos o método análise de conteúdo, proposto por (BURKE, 2005, p. 34-35) dentro da perspectiva de abstrair informações detalhadas dos relatos. Trata-se de a partir do texto, contabilizar a frequência que as palavras se repetem, observando seus significados na história cultural. O autor

acrescenta que “[...] a mesma palavra tem significado diferentes em contextos distintos, e os temas podem ser modificados ao se associarem com outros [...]” (BURKE, 2005, p. 34-35). Porém, quando comparada a uma análise histórica dos termos, seus significados se aproxima do método literários, proporcionando assim uma associação entre os termos.

Em se tratando da natureza da ocorrência, o objetivo do estudo priorizou a análise sobre a violência física por identificar que esse tipo de violência é a mais encontrada nos relatos, com ao percentual de 39.5% dos registros. Não obstante, a violência física não ocorre isoladamente, é possível apontar essa percepção ao analisar os relatos que trazem as informações que outras violências já reincidiram nessa relação. Diante dessa observação, o segundo tipo de violência com maior percentual encontrado nos BOs são as ameaças, somando um total de 30% dos casos. Os demais tipos de violências configuram 30.5%. Acerca dessa questão, é importante ressaltar que na Lei Maria da Penha estão previstos cinco tipos de violência contra a mulher no art. 7º - são elas: “I - a violência física; a violência psicológica; a violência sexual; violência patrimonial e violência moral” (BRASIL, 2006). Em consonância com este estudo, que busca analisar com maior profundidade os casos da reincidência da violência física, é possível encontrar no Mapa da Violência (WASELFISZ, 2012, p. 17) a informação que, “a força corporal ou o espancamento são os meios mais utilizados” nas relações de violência contra a mulher, trata-se de 56% dos casos registrados. Essas são algumas das razões que diante das violências que as mulheres são vítimas, optamos por buscar nas fontes o continuísmo desses atos que geram danos à saúde física, psíquica e mental da mulher.

Diante do perfil definido para estudo foi possível chegar ao número de 1.172 BOs, desses, ao ler os relatos, identificamos 658 casos de reincidência da violência física conjugal. O exame das questões culturais vincula-se a análise dos relatos que, por sua vez, serão analisados com a ciência que são registros descritos nos Boletins de Ocorrência registrados na Delegacia Especializada em Atendimento à Mulher de Vitória - ES (DEAM/Vitória), redigidos por mediadores, pois os referidos boletins são documentos produzidos a partir de denúncias das vítimas, mas, quem os descreve

são os policiais civis que atendem as mulheres. Assim, importante considerar esta peculiaridade, como também seguir o fio do relato, que segundo (GINZBURG, 2007, p.7-11), “[...] ajuda a nos orientarmos no labirinto da realidade e os rastros” (GINZBURG, 2007, p.7-11), que fazem emergir dos textos vozes que serão problematizadas como dados analíticos, dentro de uma perspectiva histórica e cultural.

O cenário que se observa entre os anos de 2004 a 2010 está permeado de avanços e retrocessos diante das políticas públicas em prol da mulher e das relações de gênero. Observa-se a dificuldade no combate da violência de gênero intrínseca nas instituições públicas e nas relações culturais que se desenvolvem na sociedade e nas famílias.

Para abordar esse continuísmo histórico e cultural nas relações de poder apresentaremos o caso de uma das mulheres vítimas da reincidência conjugal registrado na (DEAM/Vitória - ES). Tendo em vista a necessidade de preservação da identidade da vítima, os casos que utilizaremos para análise não trazem o nome real da vítima, desta forma, aplica-se nesse caso, o codinome.

Iniciaremos nossa análise com o caso de Aline, 19 anos, parda, solteira, do lar, que foi vítima da reincidência da violência física por seu ex-amásio Antônio, em 30 de agosto de 2004 em sua residência. Aline já havia denunciado o agressor por três vezes, mas isso não o impediu de continuar com as agressões. No dia do fato, o autor a agrediu utilizando-se de chutes, paus e objetos cortantes, causando-lhe várias lesões corporais.

A denúncia está registrado no BO N° 1014/04, trata-se de um dos 92 casos de reincidência da violência física conjugal, encontrado nas fontes referente ao ano de 2004. Assim, a natureza da ocorrência identificada nesse caso foi a violência física que, configura o tipo de violência mais encontrada nos demais BOs de 2004, somando um percentual de 24,6% dos registros. Os demais tipos de violência existentes tais como, psicológica, sexual, moral e patrimonial somaram um percentual de 18,85% cada. O que deixa claro que até a análise realizada foi possível certificar que a violência física foi a mais encontrada. Dentre os 24,6% dos casos de violência física analisados, foi possível identificar nos relatos, termos que simbolizam repetições

como: “não é a primeira vez”, “sempre que”, “toda vez que”, essas palavras permitem identificar a repetição da violência sofrida.

Esses dados atestam o quanto a permanência da cultura de dominação masculina gera a reincidência da violência contra a mulher nas relações conjugais. Dessa forma a violência que a mulher está exposta, conecta-se com os atributos e funções definidas para o homem e sua superioridade, enquanto à mulher lhe cabe apenas a subjetividade.

Nesse sentido, a cultura é identificada como um processo de interação executado sob a perspectiva de permuta, apropriação, dominação, fusão, resistência. Em virtude disso, os sujeitos envolvidos preocupados com a construção da identidade se dispõem como dominantes e dominados, criando seus hábitos, valores e crenças que irão impor a herança cultural nos núcleos familiares e na sociedade.

Nesse sentido, (BURKE, 2005, p. 108) acrescenta que a masculinidade e a feminilidade são analisadas por meio da perspectiva da construção de papéis sociais, com padrões já definidos em variadas culturas ou subculturas, que por sua vez, são retransmitidos pela figura materna ou paterna, “[...] mesmo que mais tarde possam ser modificados por influência dos grupos, dos livros e de uma grande variedade de instituições, incluindo escolas, cortes e fábricas [...]” (BURKE, 2005, p. 108).

Ao analisar aspectos culturais, (BARROS, 2011, p. 16) questiona: o que são práticas culturais? E o mesmo responde que, “[...] são os modos como, em uma dada sociedade, os homens falam e se calam, comem e bebem, sentam-se e andam, conversam ou discute, solidarizam-se ou hostilizam-se [...]” (BARROS, 2011, p. 16). O conceito examinado pelo autor abre precedentes para atrelar as manifestações culturais com uma série de símbolos ou significados que tendem a colaborar com a permanência da submissão feminina. Esse fenômeno é percebido ao ter acesso a mais um caso de denúncia registrado na (DEAM/Vitória - ES).

No dia 24 de dezembro de 2004, uma mulher parda com 29 anos de idade, natural do Espírito Santo, residente na cidade de Vitória-ES, moradora do Bairro Joana D’Arc, tendo como atividades laborais serviços do lar, procurou a Delegacia Especializada em Atendimento à Mulher de Vitória - ES (DEAM/Vitória - ES), para registrar um BO nº 1504/04 contra seu companheiro, pardo, 32 anos, nascido e morador de Vitória-

ES, catador. A vítima relata que o autor é uma boa pessoa, porém quando bebe fica agressivo; que já precisou denunciá-lo antes. Que no dia desta última agressão, a violência foi causada por motivo fútil pois a mesma encontrava-se conversando com uma amiga, quando seu companheiro foi ao seu encontro com uma faca, a agredindo com a mesma e desferiu socos em seu rosto.

O que nos chama atenção nesse caso é a percepção da vítima em meio a uma relação complexa junto ao agressor da reincidência de violência, com bases nos estereótipos que o condicionam como sendo uma pessoa “boa”; “bom pai”, “bom marido”. Percebe-se nesse caso uma estreita relação aos papéis sociais constituídos com bases no sistema patriarcal que proporciona ao homem o poder nas relações. O álcool, surge como o possível motivador para a ação, não é levado em consideração que o mesmo, assim como o ciúme, são o estopim para ações que estão intrínseca na cultura dos agressores.

Nesse contexto, torna-se relevante buscar elucidar às questões que motivam as mulheres a se manterem na relação conjugal com seu algoz. Analisando se as construções socioeconômicas e culturais atreladas ao sistema patriarcal, tendem a definir os papéis do homem e da mulher, possibilitando assim, a constituição de discursos que, justificam a superioridade do homem nas relações conjugais e fomentam a violência de gênero na sociedade capixaba.

Quando analisamos a constituição de identidades, no Brasil, é possível perceber o quanto as relações elaboradas a partir da dominação masculina, tem-se o sistema patriarcal como instituição que engendra as estruturas políticas, familiares, religiosas, educacionais, que tendem a dominar a mulher e excluí-la de qualquer forma de poder. (NARVAZ; KOLLER, 2006, p.49-55) analisam o patriarcado e a família dispendo de algumas definições sobre o entrelaçamento das duas instituições.

Nesse sentido, “a associação entre família e patriarcado remete à origem do termo ‘família’, oriundo do vocábulo latino *famulus*, que significa ‘escravo doméstico’ [...]” (NARVAZ; KOLLER, 2006, p.49-55). Para a manutenção da família patriarcal, o casamento surge como instituição que asseguraria o controle social, econômico e racial no Brasil. Em vista disso, (Del Priori, 1993, p. 171 – 176) considera que o recato,

a subordinação e a obediência feminina faziam parte do processo de dominação da mulher. Esse processo, não seria uma ação inocente pois, teria o objetivo específico no sentido de “disciplinar a mulher no interior do casamento e dar ao sacramento a dimensão de organização social que desejavam o Estado e a Igreja [...]” (Del Priori, 1993, p. 171 – 176), retirando das Escrituras religiosas ou de Leis, as justificativas para as desigualdades criadas para a mulher em relação ao homem.

Em busca de entender o cotidiano que as mulheres vítimas da reincidência vivenciam, trataremos alguns relatos registrado BOs na (DEAM/Vitória – ES). No dia 23 de abril de 2004 uma mulher negra, com 25 anos, do lar, moradora do Bairro Gurigica – Vitória, registrou o BO nº 474/04 contra seu amásio de 29 anos, negro, profissão catador. A vítima afirma que já representou contra seu agressor, mas ele continua a lhe agredir. O amásio não quer mais ajudar no sustento dos três filhos e que sua filha mais velha de 9 anos disse que se a mãe não se separar do autor ela irá fugir de casa.

A filha do casal tem um discurso que vai de encontro as ações que o pai e mãe tem tomado. O pai como o agressor da mãe, transformar a casa que deveria ser um espaço seguro, ao contrário, o transforma em espaço de extrema insegurança e desconforto psíquico para a vítima e demais familiares. Em relação a mãe, ela deixa claro que, mais uma denúncia não garantirá que as violências acabem, é preciso romper com esse cotidiano e, essa decisão deveria ser tomada pela mãe. Ao analisarmos esse discurso percebemos que dentre o fio e o rastro a mãe deixa subentendido que se ela separar do amásio não seria só pela violência sofrida, mas por ter uma fala de uma criança de 9 anos que lhe cobra uma posição. Nota-se que, existe um sentimento de preservação da relação por parte da mãe, por mais que ela não dependa economicamente desse agressor, vendo que conforme seu relato, ele já não mais ajuda no sustento da família.

Um análise que vem de encontro a questão da cultural que criam os modelos que mantém as mulheres nas relações que sofrem com reincidência da violência física é identificado a partir das repetições de alguns termos.

Dentre vários termos, a mais citada é a palavra agressão, em 76% das denúncias do ano de 2004, essa informação demonstra que, as mulheres tem total ciência da

reincidência da violência que são vítimas, tanto que, nas narrativas o termo agressão se apresenta deixando claro o que querem denunciar.

A palavra que também aparece de forma torrencial é filho ou filhos, alcançando 38% dos BO. É importante para as vítimas deixarem registrado, o lugar que ocupa na sociedade, nesse caso, o de mãe, que não é respeitada e cuidada por seu marido ou companheiro, mas que ainda assim, tenta manter a relação casamento pois quando procuram a Delegacia já sofreu violência em outras vezes, e isso aparece nos relatos com os termos, vez, sempre, toda vez, alcançando 100% dos relatos.

As palavras ameaças e morte aparecem com um mesmo percentual em torno de 8.7% dos casos. Dessa forma, identifica-se que as mulheres além da agressão física um percentual delas sofrem dentro de uma relação com ameaças por vezes de morte. Ao analisar o tempo que estão com seus agressores encontramos casos em média de 5 a 15 anos, deixando claro que as ameaças fazem parte da rotinas dessas relações. Outro ponto que deve ser considerado é até que ponto as ameaças impediram que a mulher vítimas não denunciasses nas primeiras vezes que foram ameaçadas. Dessa forma, o termo medo que aparece claramente em alguns relatos, surgem nesse de forma subentendida.

Na obra *História do Medo no Ocidente* de (DELUMEAU, 2009, p.14), o autor analisa em seus estudos a categoria medo. Abre uma grande perspectiva dentro da história das mentalidades ao estudar os sentimentos, dentre eles, o que o chama mais atenção é o termo medo. “[...] Por que esse silêncio prolongado sobre o papel do medo na história? Sem dúvida, devido a uma confusão mental amplamente difundida entre medo e covardia, coragem e temeridade.” (DELUMEAU, 2009. p. 14). O autor constrói uma abordagem sobre a história das mentalidades nos possibilitando reformular e repensar conceitos de amor, ódio, medo. Por se tratar de um historiador da religião identifica-se em suas descrição que o medo é inerente a todos os seres humanos, porém as construções criadas à partir da punição de Deus, recai sobre a mulher no que diz respeito ao pecado original. Com esse peso cultural e religioso a mulher vive sobre o julgo do medo. Assim, o medo da mulher não é uma invenção dos ascetas cristãos. Mas é verdade que o cristianismo muito cedo o integrou e em seguida agitou

esse espantinho até o limiar do século XX. O que gera reflexos na sociedade até os dias atuais.

No BO nº 1004/04 de 26 de agosto de 2004, a vítima com 22 anos, parda, solteira, diarista, residente no Bairro Gurigica – Vitória - ES, tem relacionamento com o agressor a 4 anos; ele com 23 anos, negro, ajudante de carga e descarga, residente no mesmo endereço da vítima. A noticiante relata que o casal tem um filho de 1 ano e 9 meses e está grávida de 5 meses. Que na data do fato foi agredida pelo autor por motivo fútil; que ele desferiu com um facão sobre ela, atingindo no braço, causando um corte, pois tentou se proteger para não acertar o seu pescoço. Ela afirma que não é a primeira vez que isso acontece. A questão é a mulher se empoderou ao procurar uma (DEAM) para registrar a agressão, porém, ela só faz isso após ter sofrido outras tantas agressões. A mulher assim como o homem vivem uma relação marcada pelo sistema patriarcal que está presente em várias instituições, dentre elas, a religião, o casamento e a família. O sistema assegura para o homem o poder sobre a mulher e a permanência das relações cheias de violência pois esse valor é retransmitido de indivíduo para indivíduo por um cotidiano que denominamos como atitudes culturais.

## **Conclusão**

A reincidência da violência física conjugal contra a mulher torna-se, portanto, um tema em que o debate e análise se fazem necessários, uma vez que os dados sobre essa questão são significativamente e preocupantes, além de ter se recrudescido na sociedade brasileira. À vista disso, no âmbito do movimento reflexivo a relevância do presente estudo reside nas discussões relacionadas à realidade de violência que mulheres estão expostas em suas relações conjugais, identificando que os motivos que possibilitam a permanência dessas ações na capital do Espírito Santo – Vitória, enquanto expressão da violência contra a mulher, são legitimadas ao agressor por estruturas socioeconômicas e culturais, culminando na submissão de quem sofre a agressão.

O cenário que se observa no ano de 2004 está permeado de avanços e retrocessos diante das políticas públicas em prol da mulher e das relações de gênero. Observa-se a dificuldade no combate da violência de gênero intrínseca nas instituições públicas e

nas relações culturais que se desenvolvem na sociedade e nas famílias. Esses dados atestam o quanto a permanência da cultura de dominação masculina gera a reincidência da violência contra a mulher nas relações conjugais. Dessa forma a violência que a mulher está exposta, conecta-se com os atributos e funções definidas para o homem e sua superioridade, enquanto à mulher lhe cabe apenas a subjetividade.

## Referências

BADINTER, Elisabeth. **XY: sobre a identidade masculina**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira. 1993. p. 95.

BARROS, José D' Assunção. **A Nova História Cultural** – considerações sobre o seu universo conceitual e seus diálogos com outros campos históricos. In: Cadernos de História, v.12, nº 16, 2011, p.46

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Tradução Maria Helena Kühner. 2º ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002, p. 51.

BURKE, Peter. **Cultura popular na Idade Moderna: Europa 1500-1800**. São Paulo: Cia das Letras, 2010. Parte I. Em busca da cultura popular. p. 115.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Parte 4: Um novo paradigma? 2005. p. 34 -108.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. p. 35.

DAMATTA, Roberto. **A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. 5. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1936. p. 65.

DEL PRIORI, Mary. As atitudes da Igreja em face da mulher no Brasil Colônia. In: Maria Luiza Marcílio. (Org.). **Família, mulher, sexualidade e Igreja na história do Brasil**. São Paulo: Loyola. 1993. p. 171-176.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente: 1300-1800**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

FREYRE, Gilberto. Casa-grande & senzala. 49 ed. São Paulo: Global, 2004. p. 65.

GIL, Antonio Carlos. Como Elaborar Projeto de Pesquisa. 4º Ed. São Paulo: Atlas, 2002. p. 77.

GINZBURG, C. **O fio e os rastros**: Verdadeiro, falso, fictício. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p 7 -11.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**. Como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. Rio de Janeiro: Record, 1997. p. 33.

NADER, Maria Beatriz. **A vida em desunião**: violência, gênero e denúncia. XXVII Simpósio Nacional de História ANPUH. Natal. RN. 2013, p 4. Disponível em: [http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1371176340\\_ARQUIVO\\_Novotextoenviado.pdf](http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1371176340_ARQUIVO_Novotextoenviado.pdf). Acesso em 10/08/ 2017.

NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Sílvia Helena. **Família e patriarcado**: da prescrição normativa à subversão criativa. Psicologia e sociedade, Porto Alegre, jan/abr. 2006. p. 49-55. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-71822006000100007&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-71822006000100007&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: 3 jun. 2014.

NOLASCO, Sócrates. **O Mito da Masculinidade**. In: O Trabalho como base para identidade. Rio de Janeiro: Rocco, 1995. p. 54

PEDRO, joana Maria. **Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica**. História, São Paulo. v. 24. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/his/v24n1/a04v24n1.pdf> Acesso em : 20 de abr. de 2017.

SAFFIOTI, Heleieth IB. **Já se mete a colher em briga de marido e mulher**. São Paulo em perspectiva, v. 13, n. 4, p. 83.1999.

SANTOS, Izequias Estevam dos. **Manual de Métodos e Técnicas de Pesquisa Científica**. 5.ed. rev., atual. E ampl. Niterói – Rio de Janeiro: Impetus, 2005. p. 96.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. In: \_\_\_\_\_. **Educação e Realidade**, v.20, n.5, Porto Alegre: Ed. UFS, 1989. p. 13-14.

WASELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da violência 2012**: atualização: homicídios de mulheres no Brasil. [S.l.]: CEBELA, 2012. Disponível em: <[http://mapadaviolencia.org.br/pdf2012/MapaViolencia2012\\_atual\\_mulheres.pdf](http://mapadaviolencia.org.br/pdf2012/MapaViolencia2012_atual_mulheres.pdf)>. Acesso em: 20 dez. 2015. p. 11.